



Diálogos

ISSN 2177-2940



O mito e a paisagem do encantado Ataíde na conservação da biodiversidade em Bragança-PA

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v26i2.62906>

Ricardo Costa Amaral

 <https://orcid.org/0000-0001-9596-4248>

Universidade Federal do Pará (UFPA), Abaetetuba-PA, BR

E-mail: ricardoappa@gmail.com

Yvens Ely Martins Cordeiro

 <https://orcid.org/0000-0003-0596-002X>

Universidade Federal do Pará (UFPA), Abaetetuba-PA, BR

E-mail: yemcordeiro@ufpa.br

The myth and landscape of the encantado Ataíde in the conservation of biodiversity in Bragança-PA

Abstract: This article analyzes the relations of historicity and cultural expressiveness of the myth of the enchanted Ataíde and its role in the conservation of biodiversity in traditional fishing communities in the municipality of Bragança, state of Pará, also as the traditional ecological knowledge of its connections the landscape. In this intention, Alfred Schutz's sociological phenomenology is used as a theoretical and methodological basis for the epistemological construct, which seeks the subjective meaning of social conduct; in addition, it seeks to understand the socio-environmental reality of the lived experience of the subjects of these communities in the multidimensionality of reality.

Key words: Mythical narratives; Landscape; Enchanted Ataíde; Phenomenology; Local ecological knowledge; Biodiversity.

El mito y el paisaje del encantado Ataíde en la conservación de la biodiversidad en Bragança-PA

Resumen: Este artículo analiza las relaciones de historicidad y expresividad cultural del mito del encantado Ataíde y su papel en la conservación de la biodiversidad en las comunidades pesqueras tradicionales del municipio de Bragança, estado de Pará, así como los saberes ecológicos tradicionales y sus vínculos con la paisaje. En esta intención, se utiliza la fenomenología sociológica de Alfred Schutz como base teórica y metodológica del constructo epistemológico, que busca el sentido subjetivo de la conducta social; además, busca comprender la realidad socioambiental de la experiencia vivida de los sujetos de estas comunidades en la multidimensionalidad de la realidad.

Palabras clave: Narrativas míticas; Paisaje; Encantado Ataíde; Fenomenología; Conocimiento ecológico local; Biodiversidad.

O mito e a paisagem do encantado Ataíde na conservação da biodiversidade em Bragança-PA

Resumo: Esse artigo analisa as relações de historicidade e expressividade cultural do mito do encantado Ataíde e do seu papel na conservação da biodiversidade em comunidades tradicionais de pescadores do município de Bragança, estado do Pará, e, também, os conhecimentos ecológicos tradicionais e seus nexos com a paisagem. Nessa intenção, usa-se como fundamento teórico e metodológico para o constructo epistemológico a fenomenologia sociológica de Alfred Schutz, que busca o significado subjetivo da conduta social; em adição, busca-se compreender a realidade socioambiental da experiência vivida dos sujeitos dessas comunidades na multidimensionalidade da realidade.

Palavras-chave: Narrativas míticas; Paisagem; Encantado Ataíde; Fenomenologia; Conhecimentos ecológicos locais; Biodiversidade.

Recebido em: 13/03/2022
Aprovado em: 11/07/2022

Mito: relações históricas e dimensões socioculturais

Considera-se o enredo histórico consubstanciado nas redes econômicas, sociais e políticas, consorciado à produção subjetiva dos sujeitos. Nesse cenário, o sujeito é marcado pela sua historicidade, nas suas experiências imediatas e na tradição da sua cultura. Assim sendo, a constituição do sujeito na tradição de sua cultura é sustentada em narrativas míticas que modificam a ideia da linearidade ao estabelecer novos sentidos às experiências e ao tempo humano (SOUZA, 1999).

As comunidades tradicionais são comunidades com arranjos locais permeados por teias de parentesco, de compadrio, de ajuda mútua, de normas, de mitos, de símbolos e de valores sociais que se caracterizam por formas de apropriação comum de espaços e recursos naturais que garantem a sua subsistência. Outrossim, as unidades familiares de comunidades tradicionais vivem imersas numa matriz espaço-temporal na qual mantêm contato com as forças, os elementos e os ciclos da natureza, os quais dão sentido a sua existência e identidade cultural na apropriação do universo natural e mantem funcionando o metabolismo entre sua sociedade e sua natureza (DIEGUES, 2008; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2010).

A relação espaço-tempo é constituída por movimento histórico, um movimento de simultaneidades que se materializa na vida cotidiana e no espaço, há uma unidade na relação espaço-tempo, pois, as mudanças e permanências, conjugadas, relacionadas, estão em constante movimento (SAQUET, 2005). Ademais, “tempo e espaço, dependem também de uma sociedade dos ritos e mitos que são preservados pelos povos em sua cultura, [...] preservando assim a memória e a tradição de um povo” (SILVA, 2006, p. 18).

Também, as comunidades tradicionais nas suas relações de espaço-tempo compõem uma totalidade e unidade, para preservar e desenvolver seus costumes, mitos, crenças, conhecimentos e relações com o meio ambiente, ou seja, a sua cultura.

O mito é uma realidade complexa e atemporal, porém, não é uma pré-história, porque, está presente em todos os períodos históricos da humanidade; em adição, pode ser abordado e interpretado por perspectivas múltiplas e complementares; nesse sentido, ele é resistência, pois, é uma manifestação da força cultural de um povo; além disso, “na concepção mítica das sociedades primitivas e tradicionais existe uma simbiose entre o homem e a natureza, tanto no campo das atividades do fazer, das técnicas e da produção, quanto no campo simbólico” (NASCIMENTO, 2007; DIEGUES, 2008, p. 63).

O mito é resistência contra o ato de colonização, pois a colonização é “a imposição de valores culturais sobre os já existentes na terra colonizada” (SOUZA, 1999, p. 124). As narrativas

míticas de comunidades tradicionais do Brasil são uma maneira de enfrentamento ao modelo histórico eurocêntrico; são também estratégias de conservação de culturas locais expressas na construção de conhecimentos ecológicos tradicionais, e são maneiras de compreender a realidade socioambiental da experiência vivida dos sujeitos dessas comunidades.

Nesse contexto, o Brasil possui uma significativa expressividade cultural mítica que na região da Amazônia se apresenta de forma única em hábitos, costumes, crenças, culinárias e manifestações. As narrativas míticas possibilitam a formulação de diversas cosmologias; dessa forma, na cosmologia das comunidades tradicionais amazônicas existem espíritos que são chamados de encantados, os quais vivem nos rios e nas florestas, assim como têm relação com a defesa do ambiente natural visto que a natureza é a sua casa (NASCIMENTO, 2007; CARVALHO, 2010; VAZ FILHO; CARVALHO, 2013; SILVA; SILVEIRA, 2021). “Os encantados são espíritos de índios velhos que já se foram e que se encontram [...] no mar, no rio e nas matas. Por isso chamamos de seres da natureza” (NASCIMENTO, 2018, p. 37). Os encantados também podem ser pessoas que se encantaram ao serem atraídas por outros encantados para o encanto que é a morada dos encantados no fundo de rios e lagos (MAUÉS, 2005).

Bragança é um município do estado do Pará que está localizado no norte do Brasil, na região amazônica, e, que possui singular cosmologia expressa em inúmeras narrativas míticas as quais compõe uma estrutura cultural que precisa ser estudada em suas múltiplas nuances. As Cosmologias são explicações teóricas do mundo e definem o lugar que a humanidade ocupa dentro dessa totalidade e nas trocas de energias e forças vitais, de conhecimentos, habilidades e capacidades que dão aos mitos a fonte de sua renovação, perpetuação e criatividade (SILVA, 1994).

Dessa forma, a compreensão de práticas culturais denominadas de “cosmologias afro-indígenas” são formulações que possibilitam situar relações preambulares entre cosmologia e história, reconstituindo a presença africana e indígena na região amazônica (SILVA; SILVEIRA, 2021). A região amazônica possui uma diversidade de cosmologias cujas temáticas são narrativas míticas presentes no imaginário das populações locais com significados e elementos sobrenaturais que asseguram a harmonia entre homem e mundo (COSTA, 2019).

Nessa compreensão, o encantado Ataíde é um mito de comunidades tradicionais de pescadores do município de Bragança. O mito é uma narração de caráter fantástico, envolvendo o sobrenatural e artifícios explicativos da realidade; o mito também corrobora a conservação da biodiversidade, uma vez que o encantado Ataíde é um protetor das florestas de mangues (FREITAS *et al*, 2018; SILVA; SILVEIRA, 2021).

Tendo esse entendimento a respeito do mito do encantado Ataíde, questiona-se como esse mito corrobora a conservação da biodiversidade local. Uma das possíveis respostas se dá com o uso

do conceito de “paisagem”.

Assim, a paisagem é cenário das experiências vividas, pois nos encontramos envolvidos pela paisagem e fazemos parte dela. A paisagem é resultado de movimentos da sociedade, é uma realidade de funcionamento, um mosaico de relações, de formas, funções e sentido (MACHADO, 2012). Além disso, a experiência vivida é a maneira pela qual os sujeitos têm para conhecer a realidade da vida cotidiana, pois a experiência abrange diferentes maneiras de se conhecer e construir a realidade (TUAN, 1983).

A leitura da paisagem requer exercício ativo, pois exige observação, exploração e descrição por parte do observador. As atividades perceptivas realizam-se em um *continuum* entre a percepção e a inteligência, permitindo ao homem desenvolver na paisagem operações como: observação, identificação, exploração, compreensão, seleção, transposição, descentração, entre outras. A atividade perceptiva aumenta com a idade em número e em qualidade, e é considerada em termos de trocas entre o observador e a paisagem. Esta troca tem dois aspectos importantes a serem considerados: o cognitivo e o afetivo. À medida que conhecemos a paisagem (cognitivo), desenvolvemos sentimentos em relação a ela (afetivo). É assim que o homem experiência (vivencia) e compreende o mundo (MACHADO, 2012, p. 43).

A paisagem participa da cultura e converge para a relação da sociedade com o espaço e com a natureza em infinitos laços de codeterminação; assim sendo, a paisagem contém a dimensão da significação, do sentido e do simbólico. “Nesta compreensão fenomenológica da paisagem, ela é existencial e histórica, como forma-de-vida, mas é também e sobretudo política, como abertura na qual o homem se coloca para apropriar-se de seu sentido” (BERQUE, 1998; FONSECA, 2016; MAROLA JR., 2017, p. 41).

Nessa perspectiva, a paisagem está imbricada na cosmovisão de comunidades tradicionais, e os sujeitos dessas comunidades são coparticipantes das narrativas míticas; logo, é por meio dessas narrativas, dos mitos, que eles representam e se apropriam da realidade da experiência vivida cotidianamente e se conectam ao mundo objetivo e subjetivo.

O termo biodiversidade possui várias interpretações dentre as quais pode-se considerar que a biodiversidade é uma associação de elementos com os quais a vida se faz presente; assim, refere-se à totalidade dos recursos biológicos, genéticos e seus componentes, bem como às relações que existem entre os indivíduos das diversas espécies entre si e as suas interações com os ecossistemas; é também um componente da identidade cultural de comunidades tradicionais (SANTOS, 2010; GANEM; DRUMMOND, 2010; ROOS, 2012; BURTET; FONTANELA; MAROCCO, 2022).

Bragança é um município localizado na mesorregião do nordeste paraense, sendo uma das cidades mais antigas da Amazônia; o município é patrimônio histórico-arquitetônico dos mais

relevantes do estado do Pará, além de ser um dos maiores produtores de pescado paraense (FUNDO VALE, 2018; RIBEIRO, 2018). Bragança também é considerada uma região rica em ambientes estuarino-costeiros em cujas margens predominam as florestas de manguezais, onde há um constante fluxo de nutrientes provenientes de materiais em decomposição, o que influencia de forma positiva as atividades pesqueiras. Além disso, as comunidades estuarino-costeiras da região do entorno dos manguezais de Bragança possuem elementos necessários para a conservação da biodiversidade (OLIVEIRA *et al*, 2017; MATNI; MENEZES; MEHLIG, 2006; SOARES, 2017). Um desses elementos são as narrativas míticas.

Tem-se aqui o objetivo de analisar as relações de historicidade do mito do encantado Ataíde e a conservação da biodiversidade, como também, os conhecimentos ecológicos tradicionais expressos nas narrativas míticas e que estão imbricados nessas relações imersas na paisagem. Como fundamento teórico e metodológico para o constructo epistemológico, usa-se a fenomenologia sociológica de Alfred Schutz, que trata da sociologia da vida cotidiana e busca o significado subjetivo da conduta social, para conhecer a intencionalidade da experiência dos sujeitos (CRUSOÉ; SANTOS, 2020). Para Alfred Schutz a vida cotidiana é o espaço da vida natural, onde as pessoas se relacionam com os objetos com intencionalidade fenomenológica e com o objetivo de compreender as práticas e os significados sociais e subjetivos dos sujeitos nas interações cotidianas (NASCIMENTO; COSTA, 2016).

A fenomenologia é a ciência teórico-prática do conhecimento que se aplica ao estudo dos fenômenos: dos objetos, dos eventos e dos fatos da realidade. Por isso, o fenômeno é manifestação da realidade que conduz ao conhecimento das essências que não é separável da experiência e que dá a esta uma abertura transcendente (PETRELLI, 2001). “O conhecimento é produzido por um sujeito intencional como uma efetuação consciente sua, através de suas vivências; as vivências valem para o sujeito e ele as possui como fenômeno” (SANTOS, 2014, p. 20).

Mas, o que é fenômeno? Para Husserl (1996, p. 207) chama-se fenômeno “tudo aquilo que é vivência, na unidade de vivência de um eu”. Ao analisar a corrente de vivências constata-se que a consciência é consciência de algo. Esse algo se chama fenômeno (ZILLES, 2007). Nesse entendimento, o fenômeno das narrativas míticas é expressão dos conhecimentos ecológicos tradicionais que conduzem os sujeitos de comunidades tradicionais ao conhecimento intencional das essências das realidades da experiência vivida cotidianamente e que contribuem para a conservação da biodiversidade local.

O fenômeno do mito do encantado Ataíde e a conservação da biodiversidade

De acordo com Glaser (2005 *apud* Oliveira *et al*, 2017, p. 2) “no município de Bragança

[...], 83% dos moradores das comunidades pesqueiras localizadas nas proximidades do ecossistema manguezal retiram o seu sustento dos recursos naturais procedentes do manguezal. Destes, 64% estão envolvidos na cadeia produtiva do caranguejo”.

Na dinâmica desses ambientes de mangues destaca-se alta biodiversidade de espécies da flora e da fauna, uma grande diversidade social de comunidades tradicionais de pescadores artesanais que vivem nesses lugares e que possuem modos próprios de apropriação e de existência material e simbólica, para o uso sustentável desse espaço natural; entre esses modos aborda-se aqui as narrativas míticas do encantado Ataíde.

O Ataíde (figura) é um encantado que habita as florestas de mangues da região bragantina e que se manifesta para seduzir ou castigar pescadores e outros sujeitos que adentrem os manguezais. O Ataíde está presente em narrativas, na memória coletiva dos habitantes, nas dinâmicas das relações de trabalho, na religiosidade e nas festas locais (SILVEIRA; SOUZA, 2014; SILVA; SILVEIRA, 2021).

Figura: Ataíde



Fonte: (FREITAS *et al*, 2018, p. 151)

As narrativas dão conta de que o Ataíde é uma espécie de ser antropomórfico, uma mistura de homem com macaco grande, peludo, coberto com lama do mangue, e que possui órgão genital (pênis) bastante avantajado, chegando a encostar ao chão, tal órgão é citado nas narrativas como

envolto ao pescoço da criatura ou deixando rastro sobre o sedimento do manguezal (ALVES, 2003 *apud* REIS, 2007; FREITAS *et al*, 2018).

O Ataíde é uma figura monstruosa liminar, ou ainda, de fronteira, que emerge da matéria instável e ambígua do mangue – pastosa, plástica, aberta a novas expressões formais –, porque consubstancia paradoxalmente este universo sensível: “é um bicho”, ao mesmo tempo que pode ser imaterial – “invisível”. No entanto, o metamórfico se ‘engera’ na forma daquele que deseja punir, materializando-se na figura do outro sobre o qual exerce a mimesis, quando se metamorfoseia em pessoa. Há uma transitividade, certo perspectivismo, que liga o não humano/sobre-humano ao próprio do humano (SILVEIRA; SOUZA, 2014, p. 764).

O encantado Ataíde não faz mal àqueles que sobrevivem dos manguezais de forma sustentável; contudo, para aqueles que não respeitam o período de acasalamento do caranguejo-uçá, período conhecido como “andada”, são estuprados por ele de maneira impiedosa (FREITAS *et al*, 2018). É na andada que os caranguejos se reproduzem, nesse período eles ficam expostos, pois estão fora de suas tocas; assim, fica relativamente fácil pegar uma grande quantidade deles, o que provoca uma diminuição da espécie, se o mesmo for retirado do mangue nesse período. Por essa razão o mito do Ataíde ajuda na conservação biodiversidade, evitando a retirada excessiva do caranguejo principalmente no período da andada.

É importante esclarecer que hodiernamente o mito é entendido no senso comum como uma história falsa ou fictícia. Aqui não ocorre discussão se o mito do encantado Ataíde é uma história verdadeira ou não, porém, coaduna-se com o entendimento de que “o mito é uma história verdadeira naquele contexto cultural em que ele é vivenciado” (FREITAS, 2018, p. 12). O Ataíde é uma entidade que os moradores dizem tratar-se de um ser que sempre atuou na região. Para eles, o Ataíde tem a função de limpar a sujeira que as pessoas deixam no mangue, tanto a poluição da emissão de dejetos quanto a de uma pessoa com espírito sujo. O encantado Ataíde exerce o papel de força de retenção de “tudo que é ruim” das pessoas com espírito sujo. Ao estuprar homens e mulheres no mangue o Ataíde busca “tapar a sujeira” e retirar as energias negativas presentes em suas vítimas (SILVA; SILVEIRA, 2021).

As narrativas do encantado Ataíde são cotidianamente compartilhadas entre os sujeitos membros de comunidades tradicionais; dessa maneira, esses sujeitos criam um sentimento de medo e respeito com relação ao mito do Ataíde. Ao extraviarem o caranguejo-uçá do mangue, os trabalhadores extrativistas retiram somente o necessário para sua subsistência; dessa forma, desenvolve-se uma relação sustentável com o ambiente natural.

Apesar do Ataíde ser uma figura oriunda dos manguezais, ele também poderá atacar pescadores que tapam

igarapés com redes ou que colocam espinhel nos estuários. Existem relatos de também investir contra ranchos que servem de abrigo para catadores de caranguejo “de baixada” (que passam 2-3 dias sem retornar para suas casas) ou para pescadores que se aventuram no mar a semana toda e retornam para suas residências somente nos finais de semana (FREITAS *et al*, 2018, p. 152).

Não obstante, o tamanho da Amazônia ludibria os nossos sentidos, porque “imaginamos a floresta como uma imensa dádiva vegetal [...], vemos com espanto a fumaça das queimadas e derrubadas serem registradas pela câmera e satélites” (FONSECA, 2016, p. 68-69). Nesse contexto, os manguezais da costa nordeste do Pará possuem 2.177 km² dos quais 160 km² fazem parte de Bragança (MATNI; MENEZES; MEHLIG, 2006). Esses mangues possuem em seu marco histórico-geográfico áreas com significativa riqueza de recursos naturais, onde se identifica especificidades socioculturais na relação do ser humano com o ambiente (OLIVEIRA *et al*, 2017).

Como então seria possível conhecer e se relacionar de maneira sustentável com toda essa grandeza da Amazônia em seus diversos aspectos socioambientais? Por meio de conexão entre os conhecimentos ecológicos tradicionais e os conhecimentos científicos, além de outras formas de conhecimento, assim, a biodiversidade pode ser conservada.

Bragança possui uma significativa heterogeneidade cultural detentora de especificidades ambientais. Esse fator favorece o surgimento de ações técnico-culturais de manejo de recursos do ecossistema local, como caranguejos e árvores do mangue. Essas atividades extrativistas corroboram a conservação dos recursos naturais e a produção de paisagens de pertencimento que estão relacionadas às atividades cotidianas de subsistência (SILVEIRA; SOUZA, 2014; OLIVEIRA *et al*, 2017).

Nessa realidade, as comunidades tradicionais bragantinas possuem relações socioambientais que convergem para formação de conhecimentos e vivências (práxis) chamadas conhecimentos ecológicos tradicionais. Esses conhecimentos são construídos nas relações de aprendizagens cotidianas que são passadas de geração em geração e são aperfeiçoados com o tempo e no espaço da realidade (i)material (AMARAL; CORDEIRO, 2022).

Os conhecimentos ecológicos tradicionais são relacionados à realidade social e aspectos históricos e culturais de uma determinada comunidade local e que são transmitidos em suas práticas sociocomunicativas pela oralidade e observação. Esses conhecimentos produzidos coletivamente tem utilidade prática na vida cotidiana (FRANÇA; SILVEIRA, 2015). Conforme Leff (2018) alerta, o problema ambiental é uma crise do conhecimento, pois a degradação ambiental é resultado das formas de apropriação e utilização da natureza com base na acumulação capitalista, que é um modo de produção com fundamento no consumo destrutivo da natureza e de suas condições de

sustentabilidade; por isso, a causa primordial do esgotamento dos recursos naturais é o uso dos conhecimentos científicos para exploração intensiva e destruição dos ecossistemas.

A preponderância dos conhecimentos científicos sobre outras formas de conhecimento limita a compreensão da realidade, pois o conhecimento científico é insuficiente para o entendimento de toda a experiência vivida em sua complexidade socioambiental; é necessário agregar outros tipos de conhecimentos para contemplar as peculiaridades dos fenômenos que compõem a paisagem de maneira holística, como, por exemplo, os conhecimentos ecológicos tradicionais expressos em narrativas míticas.

A junção de conhecimentos possibilita a compreensão da “realidade e as coisas do mundo. Ou ainda, é tentar responder se algo existe no mundo além daquilo que percebemos dele, e qual nossa participação ao percebê-lo” (LAURENTIZ, 2010, p. 1740). Além disso, o conhecimento e a realidade são conectados, pois, para se falar de realidade não se prescinde dos atos cognitivos e da produção de conhecimento, nem da sua exposição em produtos culturais, porque, o mundo é o campo de percepções explícitas, constituído de todos os pensamentos e respectivas expressões (BICUDO, 2002).

Por conseguinte, o sistema capitalista ao se apropriar dos recursos naturais utiliza hegemonicamente o conhecimento científico efetivando ações que extrapolam a fronteira na qual a natureza pode se recompor; outrossim, a subalternação de outras formas de conhecimento, por exemplo, os conhecimentos ecológicos tradicionais expressos em narrativas míticas, acaba por repercutir na redução das práxis de conservação sustentável da biodiversidade. Também, as mudanças “geradas por esse modo de exploração foram sepultando uma enorme quantidade de conhecimentos práticos elaborados durante séculos [...], as quais permitiram uma apropriação mais sustentável dos potenciais ecológicos de seus territórios” (LEFF, 2018, p. 33).

No atual momento a degradação ambiental provocada por ações antrópicas “afeta as condições de sobrevivência das espécies [...]. Os diferentes tipos de pressões que geramos sobre os recursos naturais destroem comunidades inteiras e tem implicações diretas sobre o equilíbrio dos ecossistemas mundiais” (ROOS, 2012, p. 1497). Conservar a biodiversidade significa proteger a multiplicidade de formas de vida por meio de ações práticas de manejo sustentável, tendo em vista a importância do fornecimento de serviços ecossistêmicos para o desenvolvimento econômico, social e cultural da humanidade (GANEM; DRUMMOND, 2010).

Nesse contexto, cotidianamente as atividades vivenciadas pelos sujeitos são apreendidas e a cada experiência eles elaboram formas de conhecer a sua realidade; assim, há uma junção dinâmica entre as atividades vividas, experiências, aprendizagens e realidade. Dessa maneira as concepções de mundo são elaboradas e os sujeitos desenvolvem significados, percepções, narrativas míticas e

conhecimentos para viver e se relacionar socioambientalmente.

Paisagem para além do visível

A conceituação de paisagem é complexa, ambígua, polissêmica e leva em conta as novas formas de experiência do espaço, da sociedade e da natureza, tanto no plano das representações e das percepções quanto no das realidades, dos projetos e das práticas. Por isso, a paisagem é “uma representação cultural [...] um território produzido [...] um complexo sistêmico articulando os elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva, [...] um espaço de experiências sensíveis [...], enfim, um local ou um contexto de projeto” (BESSE, 2014, p. 12).

Assim, a paisagem não é apenas conteúdo e substância, é também cenário e produto significativo das experiências cotidianas; entretanto, a paisagem não é só o que se coloca à frente dos nossos sentidos, é também o que se esconde em nossas mentes; assim, ela é a forma e a imagem visível que aproxima a realidade do sujeito e que permite construir novas possibilidades de se relacionar com o mundo. Para além desse entendimento “a paisagem pela perspectiva da fenomenologia permite que eu a enxergue, sinta, cheire e ouça numa perspectiva que vai além da organização estrutural. A paisagem se materializa” (FONSECA, 2016, p. 37).

A paisagem de forma complexa e na sua diversidade pode ser considerada uma realidade material atravessada de valores e representações culturais, como um ambiente vivo, sendo suporte para uma experiência sensível; a paisagem faz parte do nosso ser-no-mundo e dessa maneira assume uma dimensão da relação humana com o mundo (BESSE, 2010). A paisagem na expressividade cultural se conecta às diversas dimensões da experiência vivida cotidianamente por sujeitos de comunidades tradicionais de pescadores. O Ataíde sendo paisagem se materializa e se relaciona com a biodiversidade das florestas de mangues e com os sujeitos que exercem atividades nesse ambiente; em síntese, o Ataíde vive e está presente na paisagem do mangue e a ela se conecta de forma real.

As vítimas do Ataíde e suas narrativas de estupros provocam a construção de conhecimentos, cautela, medo e respeito do Ataíde numa “simbologia de caráter sobrenatural e sagrada acerca do mito, e que tais saberes têm como consequência a conservação de parte desse ecossistema do qual fazem parte humanos e sobre-humanos” (COSTA, 2019, p. 88).

Dessa forma, sujeito e fenômeno estão no mundo-vida juntos com outros sujeitos, são copresenças que percebem fenômenos, porém, os mesmos não são percebidos de maneira isolada, mas, num campo de percepção no qual sujeitos compartilham experiências vividas e suas compreensões, interpretações e comunicações de maneira intersubjetiva (BICUDO, 2002). Para compartilhar compreensões, interpretações e comunicações de maneira intersubjetiva os sujeitos de

comunidades tradicionais constroem narrativas míticas para explicar o real. Não obstante, o real está cindido “entre subjetividade e objetividade, entre homem e natureza”. Nessa conjuntura, as realidades em si não são verdadeiras nem são falsas, cada realidade é o que ela é em verdade, pois a verdade nasce do julgamento mental a respeito das realidades e não existe sem ele; assim sendo, esse julgamento é uma representação parcial da realidade (BARBOSA, 2010, p. 23). Logo, as narrativas míticas em si não são verdadeiras nem são falsas, porque elas são uma representação parcial da realidade.

Conforme esclarece Dardel a paisagem é entendida enquanto um momento vivido, uma ligação interna, a totalidade do ser humano em suas ligações existenciais com a Terra, ou seja, um homem fundado no mundo-da-vida (FERREIRA, 2017). Conforme Suertegaray o mundo vivido são espaços interrelacionais, pois a ele se conectam as dimensões natural, social e cultural (NASCIMENTO; COSTA, 2016). De tal forma que

A paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior. Na realidade, só haveria paisagens interiores, mesmo se essa interioridade se traduz e se inscreve "no exterior", no mundo [...] a natureza da paisagem não muda fundamentalmente. Ela é sempre, por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva (BESSE, 2014, p. 13-14).

O mundo da vida é cena e objeto de nossas ações e interações, e, para vivenciá-lo, temos que dominá-lo e modificá-lo com objetos culturais, sistemas de signos e símbolos. Todos esses elementos nas suas particularidades e diversidades são vistos como fatos objetivos e subjetivos, são um sistema de conhecimentos de um grupo social que independem de comprovação de sua veracidade, pois possuem aspectos que possibilitam aos seus membros compreender o mundo (SCHUTZ, 2012).

Essa maneira compreensiva de conhecer o mundo da vida é construída cotidianamente nas atividades dos sujeitos de comunidades tradicionais e nas suas relações com o ambiente natural, material e imaterial; nesse processo eles aprendem e elaboram sínteses das experiências vividas que na sua cultura são expressas em narrativas míticas que são híbridas de relações antrópicas e paisagem; forma-se dessa maneira o conhecimento da realidade local e de mundo desses sujeitos.

De acordo com Sales (2015, p. 33), o fundamento da paisagem é o olhar; entretanto, esse olhar é interpretado, de acordo com a consciência de cada cultura, num dado espaço, num dado tempo e de acordo com cada experiência de vida. “Mas, além do olhar, contribuem na construção da paisagem os outros sentidos, os sentimentos [...], amalgamando-se fenomenologicamente, constituindo um todo em que qualquer tentativa de exteriorização é deficitária”.

A paisagem não carrega significado imanente e nem depende do homem para ser revelada. Não seria em si mesma ou significada, mas só existiria na intencionalidade correlata homem-Terra. Em outras palavras, podemos concordar enquanto significante de si mesma, não como algo que se revela ao homem, mas como revelação do próprio homem (FERREIRA, 2017, p. 69).

Segundo, Alfred Schutz é por meio das experiências que o ser humano é consciente das coisas; assim, o homem age e vive em um mundo, que ele percebe e interpreta, que faz sentido para ele; essas coisas podem ser acessadas por meio da memória, de modo tipificado, ao realizar síntese de diferentes perspectivas da realidade; essas sínteses são representações, então, a consciência apreende o mundo de forma subjetiva, ou seja, na experiência fenomenológica (CRUSOÉ; SANTOS, 2020).

A experiência é constituída pelas percepções, sentimentos, impressões e imaginário dos grupos e indivíduos acerca do mundo – ou dos mundos - que o cerca [...]. Todos os tipos de experiências, desde as mais estreitamente ligadas com o nosso mundo cotidiano até as situadas a considerável distância, contribuem para compor o nosso quadro individual da realidade (FONSECA, 2016, p. 21).

Assim, o encantado Ataíde nas narrativas míticas está imbricado na paisagem do mangue e com ela forma uma unidade real. Outrossim, “a lama do mangue é entendida [...] como um disfarce, uma segunda pele que objetiva fazer as pessoas confundirem o corpo da entidade com o ambiente; assim, a capacidade mimética de tornar-se indissociado na paisagem seria uma vantagem salutar” (SILVA; SILVEIRA, 2021, p. 8).

A paisagem excede assim o campo da representação visual, conectando-se às faculdades subjetivas e espirituais da existência humana, sendo também uma necessidade ontológica e constituindo existências e experiências do homem, pois na construção do conhecimento o sujeito ao se relacionar com a paisagem elabora a respeito dela um horizonte de sentidos; nesse horizonte “o sujeito não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza para dar um sentido. A paisagem recebida é, portanto, também construída e simbólica” (OLIVEIRA, 2000, p. 19; FERREIRA, 2017).

Boa parte da atividade do conhecimento consistiria não em buscar primeiramente as causas e encadeamentos dedutivos, mas em organizar os pontos de vista e os quadros, em definir estruturas, ou até em desenhar esquemas formais que representem as situações que ela tenta explicar. Conhecer não é somente demonstrar, é também iluminar. Antes de buscar explicar e demonstrar as sucessões de causas e efeitos, [...] iluminar situações, fazendo abduktivamente aproximações significantes [...] como a definição de um mundo possível, plausível. Mas fornece, ao mesmo tempo, um modelo de mundo, no sentido em que ela desdobra novas dimensões de realidade, ordena uma compreensão global que é também o esquema de experiências futuras

(BESSE, 2014, p. 175).

Em resumo, a paisagem transcende as percepções sensoriais visuais e alcança outras dimensões do homem de maneira subjetiva e holística, pois produzimos no cotidiano por meio de experiências vividas diversas interpretações, aprendizagens e conhecimentos a respeito da ação humana ao utilizar o ambiente natural, e uma dessas produções se dá no momento em que se ultrapassa o limite de uso dos recursos naturais de maneira sustentável por meio da manifestação do encantado Ataíde na paisagem do mangue.

Considerações para novos estudos

A biodiversidade sofre diariamente processos antrópicos que afetam negativamente o ambiente natural; esses processos são de natureza econômica, política e cultural, e revelam relações de poder em múltiplas escalas as quais produzem impactos ambientais e exclusões sociais; esse é um problema na estrutura do sistema capitalista que dicotomiza as relações entre homem e natureza em escala global. Nessa perspectiva, entende-se que a realidade da relação homem-natureza precisa ser transformada para que a vida em nosso planeta possa ser sustentável; assim, desvela-se que as narrativas míticas são conhecimentos que têm na sua essência a unicidade homem-natureza enquanto instância de significação, material e imaterial, para a sustentabilidade socioambiental.

Esse estudo tem uma temática complexa que está imbricada em conhecimentos interdisciplinares em múltiplas escalas; assim, o estudo aqui desenvolvido é parcial, sendo necessário outros estudos, já que o fenômeno aqui investigado possui múltiplas nuances para além dos conhecimentos científicos e dos conhecimentos ecológicos tradicionais, porque, para alcançar a sustentabilidade socioambiental são imprescindíveis o uso de narrativas míticas para transcender a multidimensionalidade da realidade.

Enfim, analisar e interpretar a realidade das comunidades tradicionais de pescadores do município de Bragança a partir do seu contexto cotidiano e da experiência vivida por seus membros é uma atividade dinâmica e contínua. A cada releitura das narrativas míticas se percebe vários outros aspectos significativos não percebidos anteriormente. Existe uma multiplicidade de compreensões que mudam e se movimentam ao se analisar e interpretar as atividades dos sujeitos, seus conhecimentos e a sua forma de relacionar-se com o meio ambiente em seus diversos aspectos materiais e imateriais. Dessa maneira, este estudo não é final, mas parcial e transforma-se em cada nova leitura.

Referências

- AMARAL, R. C.; CORDEIRO, Y. E. M. A gestão territorial da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu e o território dos etnoconhecimentos. *In: TEIXEIRA, N. F. F. et al. (Org.). Coletânea II* [recurso eletrônico]: planejamento e gestão territorial em suas diversas amplitudes. São Luís: EDUFMA, 2022, p. 23-31. Disponível em: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/documentos_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1539&idTipo=7 Acesso em: 02 mar. 2022.
- BARBOSA, A. M. *Ciência e experiência: um ensaio sobre a fenomenologia do espírito de Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-92.
- BESSE, J. M. Le paysage, espace sensible, espace public. *META: Research in hermeneutics, phenomenology, and practical philosophy*, v. 2, n. 2, p. 259-286, 2010. Disponível em: https://www.metajournal.org/articles_pdf/259-286-jm-besse-meta4-tehno.pdf Acesso em: 02 mar. 2022.
- BESSE, J. M. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BICUDO, M. A. V. Construção do conhecimento e construção da realidade. *In: BICUDO, M. A. V.; BELLUZZO, R. C. B. (Org.). Formação humana e educação*. 1a. ed. Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração EDUSC, 2002, p. 317-326.
- BURTET, G.; FONTANELA, C.; MAROCCO, A. A. L. A proteção dos conhecimentos tradicionais: uma abordagem a partir da agenda 2030 da ONU. *Revista Grifos – Unochapecó*, v. 31, n. 55, p. 141-156, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22295/grifos.v31i55.6221>
- CARVALHO, G. M. O. *A festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada Bragantina*. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- COSTA, M. C. G. *Amazônia cinza: as narrativas orais do mito do Ataíde nas entranhas dos manguezais de Bragança/PA*. 2019. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia), Universidade Federal do Pará, Bragança, 2019.
- CRUSOÉ, N. M. C.; SANTOS, E. M. Fenomenologia sociológica de Alfred Schutz: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa. *Revista Tempos Espaços em Educação*, v.13, n. 32, p. 1-15, jan./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.13274>
- DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed. São Paulo: Hucitec -

NUPAUB/USP, 2008

FERREIRA, R. B. Fenomenologia da paisagem: prolegômenos de uma geografia das essências. *Revista do Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity*, v. 9, n. 2, p. 63-74, maio/ago., 2017.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a05.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

FONSECA, J. M. *Paisagens e imagens amazônicas: os caminhos do imaginar, olhar e sentir*. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FRANÇA, A. S.; SILVEIRA, N. C. A representação do etnoconhecimento sob a ótica da epistemografia interativa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015. *Anais...* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2015, p. 1-6. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3092/1027> Acesso em: 02 mar. 2022.

FREITAS, A. C. *et al.* Lendas, misticismo e credices populares sobre manguezais. In: PINHEIRO, M. A. A.; TALAMONI, A. C. B. (Org.). *Educação ambiental sobre manguezais*. São Vicente: Campus do Litoral Paulista – Instituto de Biociências, 2018, p. 144-164. Disponível em: <https://www.clp.unesp.br/Home/publicacoes/educacao-ambiental-sobre-manguezais.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

FREITAS, A. M. L. *O valor do mito em Acauã de Inglês de Sousa*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa), Universidade do Pará, Tomé Açu, 2018.

FUNDO VALE. *O caranguejo-uçá e o camarão regional-da-amazônia no estado do Pará: as cadeias de valor da pesca artesanal de camarão e caranguejo na Costa Amazônica do Brasil: contexto social, econômico, ambiental e produtivo*. Série Pesca Sustentável na Costa Amazônica, Vol. 3. Brasília: Fundo Vale, 2018. Disponível em:

https://www.conservation-strategy.org/sites/default/files/field-file/CSF_UNESCO_Caranguejo_e_Camarao_regional_PA_2018.pdf Acesso em: 02 mar. 2022.

GANEM, R. S.; DRUMMOND, J. A. Biologia da conservação: as bases científicas da proteção da biodiversidade. In: GANEM, R. S. (Org.). *Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. p. 11-46. Disponível em: <https://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/images/conservacao.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Alegre: EDIPUCRS, 1996.

LAURENTIZ, S. Realidades mistas: da realidade tangível à realidade ontológica. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 19., 2010. *Anais...* Cachoeira, Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANAP, 2010, p. 1740-1749. Disponível em:

http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/silvia_regina_ferreira_de_laurentiz.pdf Acesso em: 02 mar. 2022.

LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. 4a. reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2018.

MACHADO, L. M. C. P. Percepção da paisagem: conceituação, observação, descrição, vivência. *UNESP/UNIVESP*, v. 9, p. 41-50, 2012. Disponível em:

https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47176/1/u1_d22_v9_t03.pdf Acesso: 02 mar. 2022.

MAROLA JR., E. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. *Pensando – Revista de Filosofia*, v. 8, n. 16, p. 33-50, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26694/pensando.v8i16.5757>

MATNI, A. S.; MENEZES, M. P. M.; MEHLIG, U. Estrutura dos bosques de mangue da península de Bragança, Pará, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Naturais*, v. 1, n. 3, p. 43-52, set./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.46357/bcnaturais.v1i3.727>

MAUÉS, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 53, p. 259-274, abr. 2005. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100016>

NASCIMENTO, A. P. M. *O mito e sua importância na formação da cultura Amazônica: estudo dos mitos amazônicos numa aproximação com os mitos gregos – os mitos na práxis educacional da cidade de Manaus*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

NASCIMENTO, T. F.; COSTA, B. P. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, v. 20, n.3, p. 43-50, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499420152>

NASCIMENTO, C. S. *Ritual Dawê Mayô Ixé*. 2018. Trabalho de Conclusão de Cursos (Graduação em Licenciatura em Matemática), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

OLIVEIRA, F. P. *et al.* Percepção dos extrativistas estuarino-costeiros sobre as práticas e os impactos socioambientais nos manguezais do Nordeste Paraense, Costa Amazônica Brasileira.

Revista EDUCAmazônia, v. 9, n. 2, p. 73-104, jul./dez. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/4586/3714> Acesso em: 02 mar. 2022.

OLIVEIRA, L. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. *Geografia*, v. 25, n. 2, p. 5-22, 2000. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/2213/5232> Acesso em: 02 mar. 2022.

PETRELLI, R. *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.

REIS, M. R. R. *Na friadagem do mangal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em*

Bragança (Vila do Acarajó). 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

RIBEIRO, W. O. Cidade de porte médio de importância histórica: particularidades de Bragança no Nordeste do Pará. *Caderno de Geografia*, v. 28, n. 52, p. 1-24, jan./mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5752/p.2318-2962.2018v28n52p1>

ROOS, A. A biodiversidade e a extinção das espécies. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, v. 7, n. 7, p. 1494-1499, mar./ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/223611705651>

SALES, M. T. F. L. *Percursos na paisagem*. 2015. Tese (Doutorado em Gestão Interdisciplinar da Paisagem), Universidade de Évora, Évora, 2015.

SANTOS, F. S. A importância da biodiversidade. *Paidéia*, Edição Especial/Simpósios em Educação a Distância, p. 1-17, 2010. Disponível em: <https://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/167> Acesso em: 02 mar. 2022.

SANTOS, S. L. Originalidade e precariedade do método fenomenológico husserliano. In: LIMA, A. B. M. (Org.). *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Ilhéus: Editus, 2014, p. 15-50. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/pcd44/pdf/lima-9788574554440.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

SAQUET, M. A. A relação espaço-tempo e a apreensão do movimento em estudos territoriais. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10., 2005, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, p. 13882-13894. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaspacial/31.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

SCHUTZ, A. *Sobre a fenomenologia das relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, A. L. Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução. In: GRUPIONI, L. D. B. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. p. 75-82. Disponível em: <https://indiosnordeste.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Indios-no-Brasil-Luis-D.-B.-Grupioni.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

SILVA, J. M. P. Considerações sobre o debate tempo e espaço. *Revista Formação*, Edição Especial, v. 2, n. 13, p. 14-19, 2006. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/619> Acesso em: 02 mar. 2022.

SILVA, J. S.; SILVEIRA, F. L. A. Enrabamento, cura e proteção: cosmologias do Caboclo Ataíde no Nordeste Paraense. *Mana*, v. 27, n. 1, p. 1-38, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n1a204>

SILVEIRA, F. L.; SOUZA, C. Imaginário, trabalho e sexualidade entre os coletores de caranguejo do Salgado Paraense. *Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 755-780, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37415/28740> Acesso em: 02 mar. 2022.

SOARES, J. L. *Os termos da pesca na vila dos pescadores de Ajuruteua (Bragança - PA): uma abordagem socioterminológica*. 2017. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia), Universidade Federal do Pará, Bragança, 2017.

SOUZA, M. A cordialidade como mal-estar ou a violência como o recalçado. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 2, n. 4, p. 123-142, out./dez. 1999. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1415-47141999004008>

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S.; ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). *Etnobiologia e etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina*. 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010. p. 11-36.

TUAN, YU-FU. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIEFEL, 1983.

VAZ FILHO, F. A.; CARVALHO, L. G. (Ed.). *Isso tudo é encantado*. Santarém: UFOPA, 2013.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. XIII, n. 2, p. 216-221, jul./dez. 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.